



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

A PRESENÇA NEGRA ENTRE O SOCIAL E O RELIGIOSO: IGREJA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS EM BELÉM DO PARÁ

ARTHUR MONTENEGRO DE OLIVEIRA¹

PABLO HENRIQUE SANTOS DA SILVA²

Resumo: Esta pesquisa apresenta em nível exploratório, a presença dos negros em Belém do Pará, a partir do levantamento histórico e arquitetônico da igreja do Rosário dos homens pretos. Faz-se a análise de algumas confrarias que existiram na cidade, juntamente buscando compreender as relações sociais desses indivíduos nas mesmas. Em 1682 fundou-se em Belém a Irmandade do Rosário, e, em 1693 a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Impedidos de frequentar os mesmos templos religiosos dos "brancos", pela discriminação racial existente, no final do século XVII, a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos, decidiu prover um terreno para construção do templo de culto religioso específico para os escravos. As primeiras igrejas erigidas nesse período da organização e expansão da cidade de Belém pelos portugueses se davam em sua maioria através da iniciativa, primeiramente, das ordens religiosas que desembarcavam na região e com o passar do tempo pelas confrarias e irmandades que emergiam com a devoção aos seus santos.

Palavras-chave: Arquitetura; Bairro da Campina; Igreja do Rosário; Irmandades; Sociabilidade.

Notas sobre a vida social dos escravos em suas irmandades

Houve um protesto contra este rigor absurdo da escravatura: Lucinda Maria da Conceição, mulata, vendedeira de tacacá e mingão, livre do captiveiro por alforria, insurgiu-se, sendo juíza da festa, contra a forçada transferencia, e propoz que a irmandade pagasse aos senhores o trabalho das escravas no dia 31 de Agosto (VIANA, 1905, p. 382).

O episódio destacado por Arthur Viana (1905) faz referência a festividade organizada pela irmandade de São Raimundo Nonato localizado no bairro da Campina em Belém, criada em 1870, pelo mulato Leopoldino do Espírito Santo Figueira de Andrade (HENRIQUE, 2009). A atitude de Lucinda foi motivada pelo fato dos irmãos terem que fazer a festa não no dia 31, mas no domingo seguinte, Márcio Henrique afirma (2009, p. 32) que "Essa proibição gerava insatisfações nas irmãs por não poderem homenagear seu santo patrono no dia próprio para a sua festa".

¹ Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade da Amazônia - arthurrmontenegro@hotmail.com

² Graduado em História pela Universidade da Amazônia - pablohenriquess15@hotmail.com



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

articulações políticas e sociais, em que muitos escravos faziam desses lugares um canal para obter certas vantagens, pois as confrarias uniram objetivos religiosos e protetores, exercendo um importante papel social (SCARANO, 1975). O posicionamento da mulata revela a tentativa de resolver um conflito entre os membros da irmandade e os seus senhores, Márcio Henrique afirma:

a resolução do conflito entre as irmãs de São Raimundo Nonato e seus senhores aponta para um espaço de barganha entre senhores e escravos, no qual cada uma das partes procurava impor suas vontades, seus ritmos e interesses. A conquista do dia do santo não foi fruto apenas de uma concessão senhorial, mas de um embate político em que os devotos reivindicavam autonomia e reconhecimento social às irmãs escravas (HENRIQUE, 2009, p. 33).

Assim, é possível observar que em uma sociedade escravista, havia uma noção de humanidade entre os negros cativos e libertos, rompendo com a visão de que os escravos sempre estiveram na condição de passivo diante do processo escravista. Scarano (1975, p. 82) afirma “que as irmandades eram um meio que os escravos dispunham para mostrar aos senhores que também faziam parte da humanidade, mesmo que na realidade cotidiana fossem colocados em condições sub-humanas”. As irmandades se apresentavam aos escravos como espaços onde eles poderiam compartilhar alguns interesses em comum, sobretudo, adquirir status social, as diversas estratégias articuladas entre os escravos em suas confrarias, desconstrói as idéias de que as irmandades de negros se configuravam em espaços sem qualquer tipo de consciência política (HENRIQUE, 2009).

A irmandade de São Raimundo Nonato a qual pertencia à mulata Lucinda Maria da Conceição era formada por muitas mulheres, e a exemplo de Lucinda, que era uma mulata alforriada, é importante pontuar que muitas confrarias não eram constituídas apenas por pretos livres ou escravizados, mas também por brancos, mamelucos, mulatos, e indígenas. O que comprova os constantes contatos que ocorriam nesses



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

espaços, tendo em vista, que era um local transitado por vários sujeitos de diversas origens sociais.

A festividade de São Raimundo Nonato se tornou muito popular no século XIX, e Viana (1905, p. 381) ao descrever a festividade ocorrida em 1872, relata “(...) no qual predominava como nota vibrante a mescla das raças primitivas – o branco, o índio e o negro (...)” o mesmo ainda afirma que alguns foliões utilizavam “roupas copiadas dos figurinos estrangeiros” (1905, p. 380). (Henrique, 2009) ao refletir sobre a mesma fonte chama a atenção para se compreender as irmandades como espaços em que os escravos aproveitavam relativa autonomia desses sujeitos.

As festividades representavam espaços de sociabilidade e encontros e trocas culturais, era um espaço também de invenção de novas práticas entre os diversos sujeitos que participavam desses festejos. Esses ambientes não eram apenas marcados por relações passivas, certamente, as irmandades e os seus festejos eram caracterizados pela presença de confrontos, não apenas entre senhores e os escravos, mas também entre os próprios irmãos pretos que frequentavam as irmandades, podemos citar como exemplos algumas igrejas composta por duas irmandades, situação que gerava algumas intrigas entre os devotos, como foi o caso da igreja do Rosário em Belém, que passou por tal experiência (CRUZ, 1953).

Para a igreja, as irmandades representavam uma maneira de incentivar os africanos à conversão, mas as populações africanas expressavam as suas características culturais nesses ambientes. Pois, em uma sociedade escravista e hierarquizada, aonde os escravos eram destinados a uma condição de inferioridade, as irmandades representava para esses sujeitos um espaço em que eles poderiam subverter essa ordem social (SIMÃO, 2010).

A figura 01 representa uma prática realizada pelos africanos na América Portuguesa em suas festividades e promovia eleições de reis e rainhas negros nas irmandades, tal hábito representava “um aspecto de inversão social, presente na coroação dos



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

monarcas negros fazia- se tão notório que às vezes assustava as autoridades” (QUINTÃO, 2002 apud SIMÃO, 2010,p. 91).

A igreja, os senhores e os demais mecanismos políticos, se preocupavam com certas condutas desenvolvidas pelos escravos e os outros membros que frequentavam as confrarias, assim, tais espaços também foram objetos de preocupações por parte das autoridades.

Figura I: Rei e Rainha negros da festa de reis.



Fonte: Julião (1779 apud SIMÃO, 2010).

proporcionaram mestiçagens, negociações, invenções de valores, desenvolvimento de novas técnicas e novas práticas culturais. Eduardo Paiva (2011) discutiu o processo de mestiçagem no Novo Mundo, refletindo sobre os diversos espaços ocupados por uma população mesclada, definindo esses ambientes como “uber mestiça colonial Americana”, caracterizando como “verdadeiros territórios mestiços, marcas e marcadores da vida de gente deslocada livre e forçadamente de outros continentes, que junto com os nativos forjaram a Ibero-Americana (...)” (PAIVA, 2011, p. 30).

Assim, é possível caracterizar as irmandades de Nossa Senhora do Rosário e de São Raimundo Nonato, ambas localizadas no Bairro da Campina em Belém, como “uber mestiças”, pois, foi espaços marcados por constantes trânsitos sociais, o que criou possibilidades para encontros e confrontos culturais.

Pensar as irmandades como “uber mestiça”, não é o foco aqui enquadrar de forma absoluta esses espaços sobre esse conceito, sabemos que outras pesquisas podem se utilizar de outros termos para compreender e explicar as irmandades. Assim, conforme defini Eduardo Paiva (2011, p.13) “a categoria uber engloba áreas



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

urbanizadas, entre as quais se incluem cidades, vilas, arraiais, pueblos, povoados e não apenas a “cidade”. Assim, é possível refletir sobre as confrarias nesses contextos, no caso das quais são citadas acima, estavam localizadas em ambientes urbanos, marcado pelo trânsito de diversos sujeitos, como negros, mulatos, mestiços, indígenas e brancos, ou seja, marcado por uma mescla cultural, tal cenário, justifica a utilização desta categoria.

A diáspora Africana em direção ao Novo Mundo provocou uma reconfiguração no modo de vida desses povos, os mesmos, longe de se limitarem a uma condição passiva diante do processo que lhes foi imposto, articularam diferentes estratégias para burlar o sistema escravista, a partir das fugas, formação de quilombos, ataques, a formação de irmandades e etc.

O breve levantamento de alguns aspectos sociais da vida dos escravos e de outros sujeitos no cotidiano das irmandades, a partir de um estudo de caso da irmandade de São Raimundo Nonato e Nossa Senhora do Rosário, longe de criar generalizações sobre os aspectos sociais dos negros nesses espaços, buscou-se compreender a importância desse ambiente na vida social dos pretos cativos e libertos.

Assim, é possível enquadrar as irmandades como espaços caracterizados por intensas dinâmicas de construções culturais, que em alguns momentos poderiam se assemelhar, mas também se diferenciar (PAIVA, 2008).

Belém do século XIX, desconstruindo com a noção do escravo como “coisa”, construída por alguns pesquisadores do século XIX. Essa teoria condicionava os escravos a meros indivíduos sujeitos ao poder de seus senhores, sem representação ou consciência histórica.

Sidney Chalhoub (1990) e outros pesquisadores criticam tal teoria, apontando para uma frequente agência protagonizada pelos negros escravizados, que resultaram das diversas experiências sociais, desenroladas nos diversos contextos transitados por esses sujeitos no Novo Mundo. Chalhoub (1990, p. 42) ainda afirma que “a violência



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

da escravidão não transformava os negros em seres “incapazes de ação autônoma”, nem em passivos receptores de valores senhoriais, e nem tampouco em rebeldes valorosos e indomáveis”. O trabalho de Sidney Chalhoub permite repensar as condições dos negros na sociedade escravista, desconstruindo a “coisificação” dos mesmos.

Assim, ao analisar as experiências dos escravos nas irmandades possibilitou compreendê-los como sujeitos históricos que em suas irmandades compartilhavam interesses sociais e definindo a si próprio e em suas ações, e a noção de humanidade estava presente em seu cotidiano (HENRIQUE, 2009).

Igreja do Rosário dos Homens Pretos em Belém do Pará

No século XVIII, a cidade de Belém que se expandia além do seu núcleo inicial (Forte do Presépio), tinha a demarcação em duas freguesias, a da Sé e a de Santana, correspondendo aos atuais Bairros da Cidade Velha e Campina, respectivamente (CRUZ, 1953). Por deterem valores, como históricos e culturais da memória da formação da cidade, atualmente essas áreas têm seus limites e entorno protegidos da especulação imobiliária e outras medidas danosas ao patrimônio, através dos tombamentos pelas esferas municipal e federal (IPHAN) (MORAES; SANJAD; NORAT, 2017).

Antes do atual templo da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, já havia indícios na Campina de uma ermida dedicada à santa devota dos escravos e homens de cor, sua existência remonta anteriormente a divisão eclesiástica da cidade (CRUZ, 1953). Afinal, "(...) a presença do negro poderia ser percebida, uma vez que em 1682 fundou-se em Belém a Irmandade do Rosário e, em 1693 a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, tradicional devoção dos negros" (GOMES, 2005 apud MAIA, 2014, p. 30). Impedidos de frequentar os mesmos templos religiosos dos "brancos", pela discriminação racial existente, no final do século XVII, a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos (entidade autorizada a cuidar das religioso específico para os escravos. Com a permissão concedida pelo governador do Estado do Maranhão e



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Grão-Pará, de um pedaço de terra penetrada à Campina, nos limites da colônia com a selva, onde os negros puderam erguer uma capela em homenagem a Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, contendo um descampado frontal que se chamou Largo do Rosário da Campina, atualmente existe apenas uma singela praçinha chamada Largo do Rosário (SOARES, 2009).

Vale concordar com Souza (2016) que as construções que se destinavam as práticas religiosas dos negros tinham suas localizações afastadas das áreas centrais que originavam as cidades no Brasil, em Belém pode-se constatar esse fato pela implantação da atual igreja, onde também ficava a primeira ermida do rosário (ver figuras II e III).

Com as colaborações de seus membros, as irmandades também costumavam mandar erigir uma capela para o santo de sua devoção e realizar a sua festa. As confrarias de negros e pardos ocupavam geralmente lugar discreto, menos central, nas cidades. O local da construção de suas igrejas era uma questão de prestígio. Eram construções menos espaçosas, mas eles “procuravam rivalizar com os ricos em questão de suntuosidade e ornamentação de suas igrejas” (VALENTE, 2011, p. 8-9).

Figura II: “Planta geométrica de Belém do Gram Pará”. Detalhe da Campina. Belém. Fim do século XVII. **N**: Forte São Pedro Nolasco (extinto); **M**: Largo das Mercês; **O**: Largo da Misericórdia; **G**: Largo de Santo Antônio; **P**: Largo do Rosário da Campina.



Fonte: Soares, 2009, p.26.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL



Fonte: NUNES, 2005, p. 92. Adaptada.

As primeiras igrejas erigidas nesse período da organização e expansão da cidade de Belém pelos portugueses se davam em sua maioria através da iniciativa, primeiramente, das ordens religiosas que desembarcavam na região e com o passar do tempo pelas confrarias e irmandades que emergiam com a devoção aos seus santos. Tinham sua construção edificada com taipa de pilão ou de mão e cobertura de palha, pois eram os materiais encontrados na localidade, contudo, os templos receberiam outros materiais e métodos mais adequados nos séculos seguintes (se intensificado depois do XVII), a partir de novas reformulações das construções religiosas. Vale destacar, segundo Rodrigues (2013), que os missionários católicos, imprimiriam o dinamismo dos seus novos prédios na colônia, por sua rápida



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

adaptação as vicissitudes do povoado:

Sob o discurso de prestar assistência à população branca e catequizar os gentios, rapidamente os prédios que abrigavam os religiosos, de simples choupana. Relatos, que pelo quais, nos leva a reflexão de que os materiais empregados na primeira edificação do Rosário em Belém teriam a mesma composição construtiva de taipa e palha, semelhante aos das primeiras instaladas aos outros santos cultuados na colônia, anteriormente a ela.

Em 1725, a primitiva ermida dos negros dava lugar através da demolição, a uma nova, por se encontrar em condições precárias, e tendo o início de sua reconstrução no mesmo ano com idênticas dimensões, onde se situava a antiga (CRUZ, 1953). Cruz (1953, p.47) ainda chega a citar as palavras de Baena (1839): "que a estreiteza da ermida não deixava bem acomodada a Irmandade. Tratou então esta de angariar meios para ereção de um templo mais confortável e que melhor comportasse os fiéis". A irmandade e logo seus membros, caçavam recursos financeiros em diversas instâncias e formas para alcançar a concretização do objetivo, pois a segunda ermida não supria as exigências.

Com aquele sentimento religioso que os caracteriza, os negros desenvolveram os seus esforços, e não mediram sacrifícios para levar adiante a idéia. E de tal modo trabalharam que despertaram a simpatia geral. O Governador Manoel Bernardo de Melo e Castro, capitão general do Estado do Grão Pará, Maranhão e Rio Negro, demonstrou a sua generosidade, contribuindo com cinquenta mil réis mensais para as obras (CRUZ, 1953, p.47)

Em 1820, dava-se início à construção do atual templo, exigindo muitos esforços e sacrifícios por parte dos homens de cor, pois com a escassez de recursos disponíveis na confraria, era necessária a intervenção dos trabalhos dos irmãos (HENRIQUE, 2009). O naturalista inglês Henry Walter Bates, durante sua passagem por Belém, em 1848, relata em seus escritos o empenho dos negros na edificação da igreja, apesar de ser uma construção demorada e dispendiosa. O inglês declarava que era comum se deparar com filas de negros deslocando-se nas ruas, levando em suas cabeças materiais de construção, como: pedras, tijolos, argamassas e tábuas. Bates (1944) enfatiza que eram principalmente escravos que realizavam tais ações, cantado



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

semelhante a um côro, após um fatigante dia de trabalho, contudo, apresentariam sua contribuição de alguma forma para ver a nova casa do rosário erguida (BATES, 1944). "Cantando, os escravos tentavam amenizar o cansaço e mostrar à Virgem do Rosário a alegria com que estavam contribuindo para o esplendor do seu culto" (HENRIQUE, 2009, p.8).

"Em 1849, o interior da igreja estava concluído e decorado com o mesmo luxo que as outras igrejas, construídas com muito mais dinheiro" (BATES, 1979 apud HENRIQUE, 2009, p.8). "Era comum duas confrarias coexistirem no mesmo templo enquanto aguardavam a enquanto juntavam fundos para a construção da sua própria igreja" (MASSOTTI, 2015, p. 19). Cássia (2001, p. 10) ainda soma com suas palavras acerca da divisão da igreja com outras irmandades religiosas em salvador:

As irmandades religiosas que não possuíam a sua própria igreja ocupavam os altares laterais dos demais templos religiosos, enquanto iam angariando meios que, mais tarde, permitissem a edificação da sua igreja e, conseqüentemente, uma participação mais ativa no meio social. Somente as associações que não progrediam ocupavam definitivamente os altares laterais, permanecendo numa posição secundária nos templos religiosos de outras irmandades.

A igreja dedicada ao Rosário em Belém passou por uma experiência parecida de compartilhamento com a Irmandade de São Benedito, de um dos seus altares laterais, ocorrendo em alguns momentos desavenças entre os devotos de ambas. Pois a irmandade hospedada reclamava por ter direitos iguais de posse, pela dedicação também dada na construção do templo (CRUZ, 1953). É um fato a análise feita acerca desse conflito interno pelas irmandades, quando Henrique (2009, p. 9) adota o pensamento de Boschi (1986):

Os conflitos entre essas duas irmandades, compostas basicamente por "homens de cor", nos ajudam a repensar a idéia da religião funcionando como algo que dilui as diferenças entre os negros. Apesar de todo o discurso voltado para a igualdade, na prática o que se percebe é a tentativa do isolamento, da segregação. E isto se dá



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

tanto entre irmandades de brancos e de negros – o fato de duas irmandades de negros conviverem numa mesma igreja é bastante significativo disso – quanto entre as próprias irmandades de negros, que não diluem suas diferenças por causa da mesma fé ou da “afinidade epidérmica”.

Apesar de tantas ocorrências positivas e negativas, pode-se dizer em parte, que a igreja se construiu e sobreviveu graças às doações de membros da comunidade e importantes figuras políticas, pessoas com poder aquisitivo da época e também dos serviços gratuitos prestados pelos seus fiéis.

O arquiteto italiano Antônio Landi e a Igreja do Rosário

A importância da Igreja do Rosário como monumento religioso edificado, ao desenvolvimento da prática religiosa católica pelos negros no passado, em um período de segregação racial e "catequização negra" em plena região norte da Amazônia, revela o valor da arquitetura erigida por escravos e forros, com a autoria do projeto destinada ao italiano Antônio Landi, citado por importantes estudiosos da história paraense, como projetista da obra.

Antônio Giuseppe Landi (1713-1791) chegou a Belém em 1753, como um dos escolhidos para compor a Comissão Demarcadora de Limites, da expedição técnico-científica, nacionalidades, incumbidos na demarcação e reconhecimentos das divisas entre as conquistas das terras de Portugal e Espanha, após o tratado de Madri, assinado em 1750 (RODRIGUES, 2013). Com o fim das atividades da comissão demarcatória, Landi atua no ofício de arquiteto na capital paraense, tendo muitas obras, dentre elas civis, religiosas e residenciais. Para afirmar a grandeza da obra de Antonio Landi, Meira Filho (1976 apud KETTLE, 2011) empregou comparações com reconhecidos artistas: Aleijadinho em Minas, Grand-Jean de Montigni no Rio e Louis Léger Vauthier no Recife, pelo qual, Landi representaria a mesma grandeza artística no Pará.

Na academia Clementina, em Bolonha, Itália, foi onde Landi estudou com o arquiteto,



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

cenógrafo e pintor Ferdinando Bibiena (1657-1743). Sofreu influência pelo estilo dominante na região, tardo-barroco e mais tarde da variação do rococó, o barrochetto, e no período que esteve em Lisboa antes de chegar ao Brasil, pelo estilo Pombalino. Seguindo a tradição bolonesa, valorizou fachadas e interiores através do uso de elementos ornamentais e arquitetônicos que poderiam ser experimentadas juntas em alguns casos por ele, como no uso frequentemente das ordens clássicas na variação ornada. Também vinculando à cenografia e à quadratura (pintura ilusionista de elementos e ornamentos da arquitetura) (OLIVEIRA; KETTLE, 2008).

Landi foi atuante na cidade de Belém como arquiteto, mas "a maior parte dos seus projetos foi no campo da arquitetura religiosa, no qual pôde aplicar todos os conhecimentos adquiridos na Academia Clementina e onde encontramos a presença de linhas classicizantes" (NUNES, 2005 p. 59) em seus trabalhos. Quando se trata da Igreja do Rosário dos Pretos, Cruz (1953) destina o desenho da planta e algum tipo de auxílio monetário para construção, ao arquiteto Landi. Todavia, Mendonça (2003a apud OLIVEIRA, 2011 p. 231) traz um pensamento que deve ser levado em consideração, pois apesar de não se ter documentações sobre a autoria do arquiteto "é clara a influência da sua obra, tanto na volumetria da fachada, como nos próprios retábulos do altar-mor e dos altares laterais". Oliveira (2011) acredita que a igreja remete ao vocabulário do Italiano, pois os elementos usados no exterior e interior podem sim ser a comprovação de sua intervenção projetual. Jussara Derenji (2009) e Jorge Derenji (2009) também dizem que foi idealizada pelo arquiteto, pela identificação de alguns elementos, embora a Igreja do Rosário tenha sido concluída após a morte de Antônio Landi, todavia "tem desenho de sua autoria, segundo muitos estudiosos. A evidência seria a semelhança das torres com projetos dos Bibiena, mestres de Landi, notadamente com os do palácio de Colorno, na região de Parma".

As igrejas de Belém, em sua maioria, foram construídas em longos espaços de tempo, modificadas e complementadas em vários períodos e, além dos construtores, as Ordens que as encomendavam tinham grande poder de interferência sobre essas mudanças. Não podem, portanto, ser atribuídas a um autor, ao contrário das obras de Landi, que deixaram, além dos desenhos, a marca distintiva de seu traço, tornando-as reconhecíveis aos pesquisadores modernos (DERENJI Jussara, 2009; DERENJI Jorge, 2009, p. 76).



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

É válido trazer a luz uma breve análise de alguns elementos que compõem em parte a Igreja dos Homens Pretos, embasando-se nos estudos, divisões e seleções do Vocabulário Ornamental de Landi, demonstrado por Oliveira (2011) em sua dissertação. Afinal "no século XVIII, quase todas as igrejas de Belém receberiam, em maior ou menor grau, a influência e o traço de Antônio Giuseppe Landi" (DERENJI Jussara, 2009; DERENJI Jorge, 2009, p. 48).

Ao analisar a monumental igreja, nota-se a linearidade, apresentados pela nave e altar principal, e o predomínio da planta em formato retangular. A fachada da igreja e seu interior são simétricos, com elementos ornamentais de referência compositiva de autoria landiana, dentre eles (ver figuras IV e V):

- Ornamentos Geométricos: painéis, molduras, frisos, entrelaçados e medalhão.
- Ornamentos Imitativos: motivos auriculares, elementos pendente, bulboso e trançados.
- Ornamentos arquitetônicos: pilastras, caneluras ou estrias, capitéis, frontões, acrotérios, tríglifos, mísulas, dentículos, óculo e balaustres.
- Ornamentos simbólicos: vasos, figuras com formas humanas, cartelas, flores, festões, folhas de acanto, concha e aconcheado, voluta, monograma, cruzes e estrela.





SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Figura IV: fotos da igreja do rosário em Belém. a) fachada principal b) nave e altar-mor
Fonte: Arthur Montenegro de Oliveira (2018).

Figura V: fotos internas da igreja do rosário em Belém.
a) lateral da igreja b) detalhe de um dos altares laterais.



Fonte: Arthur Montenegro de Oliveira (2018).

A atitude da mulata Lucinda é uma representação de diversos outros casos de situações em quem os negros protagonizaram ações na tentativa de expor os seus interesses frente a uma sociedade que o subjugava a uma condição de inferioridade e destinados a servidão. E as irmandades tiveram um importante papel na vida dos escravos, pois por meio delas, compartilhavam experiências. Experiências que envolveram não somente os africanos, mas também outros atores sociais. Assim, longe de ser um espaço marcado unicamente por um grupo social, se constituía como um ambiente de dinâmicas culturais. O que provocou certos desconfortos a igreja e as autoridades.

Os recentes trabalhos históricos forneceram novos caminhos para se pensar a história dos africanos nas Américas. Assim, buscou-se também compreender a história dos subalternos daqueles em que durante muito tempo a história os compreendeu como



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

“coisa”, aqui se buscou repensar o papel desses sujeitos a partir de um breve olhar de seu cotidiano nas irmandades e na devoção ao catolicismo.

A igreja do rosário como espaço edificado ao culto dos negros, traz consigo valores históricos e arquitetônicos que devem ser preservados e transmitidos às futuras gerações, independente das intervenções sofridas com o passar dos séculos. Pois marca a presença africana em plena Amazônia, na dedicada construção do templo religioso, apesar de enfrentarem diversos obstáculos, sejam sociais ou financeiros. Embora, os elementos e o projeto se direcionarem ao portfólio prático do arquiteto Landi, é fato que houve o empenho físico na construção pelos negros no processo, comprovado pela existência do monumento edificado na atualidade.

O tombamento do templo pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 1950, revela a importância do patrimônio e o marco na memória de uma época escravocrata em Belém. Na atualidade a igreja vem se mantendo ativa na propagação católica, recebendo pessoas de todas as raças e nacionalidades, sendo uma das poucas igrejas que realizam missas em latim na cidade.

Referências Bibliográficas

BATES, Henry Walter. **O NATURALISTA NO RIO AMAZONAS** . 5. ed. SP/RJ/BA/RE/POA: Companhia Editora Nacional, 1944. 376 p. v. 237. Disponível em: <<http://www.brasiliana.com.br/obras/o-naturalista-no-rio-amazonas-t1/pagina/3/texto>>. Acesso em: 09 out. 2018

CÁSSIA, Taynar de. **MOVIMENTO NEGRO DE BASE RELIGIOSA: a Irmandade do Rosário dos Pretos**. 2001. Disponível em: <<https://rigs.ufba.br/index.php/crh/article/viewFile/18634/12008>>. Acesso em: 12 set. 2018.

CHALHOUB, Sydney. **Visões da Liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 35-42.
CRUZ, Ernesto. **Igrejas de Belém**. 1953. Disponível em: <https://ufpadoisponzero.wordpress.com/2013/01/23/igrejas-de-belem/>. Acesso em 10 set. 2018.

GOMES, F. A. **A Hidra e os Pântanos: quilombos no Brasil (sécs. XVII-XIX)**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Campinas, 1997, p. 45.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

VIANNA, Arthur. "Festas Populares do Pará". *Annaes da Bibliotheca e Arquivo Público do Pará*, vol. 4, 1905, pp. 381-82.

HENRIQUE, Márcio Couto. **Irmandades escravas e experiência política no Grão-Pará do século XIX**. *Revista de Estudos Amazônicos*, Belém, v.4, n.1, p.31-51. 2009.

KETTLE, Wesley Oliveira. O INVENTÁRIO DE ANTONIO LANDI E A INVENÇÃO DO "ARQUITETO GENIAL": HISTÓRIA, BIOGRAFIA E A VALORIZAÇÃO DO **PASSADO AMAZÔNICO**. Rio de Janeiro: Uff - Universidade Federal Fluminense, v. 15, n. 15, 15 set. 2011. Bilingual.

MAIA, Glauciene da Costa. **Feiticeiros Negros no Grão-Pará (1755-1772)**. 2014. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História, Programa de Pós-graduação em História Mestrado em História, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

MASSOTTI, Mariana Figueiredo. **A Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos no Rio de Janeiro**. 2015. 93 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História da Arte e da Arquitetura no Brasil da Puc-rio Especialização Pelo Programa de Pós-graduação, Pontifícia Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

NUNES, Larissa Corrêa Acatauassú. **ESTRUTURAS DE COBERTURA NA ARQUITETURA RELIGIOSA DE LANDI EM BELÉM - PA**: Avaliação de tipologia, comportamento estrutural e identificação das espécies vegetais. 2005. 325 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

OLIVEIRA, Domingos Sávio de Castro; KETTLE, Wesley Oliveira. **RELIGIOSIDADE NA AMAZÔNIA COLONIAL: HISTÓRIA E ARTE NA ARQUITETURA DA CAPELA POMBO**. 2008. Disponível

em:

<<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/554/399>>. Acesso em: 14 set. 2018.

OLIVEIRA, Domingos Sávio de Castro. **O vocabulário ornamental de Antônio José Landi: um álbum de desenhos para o Grão Pará**. 2011. 392 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Artes, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

PAIVA, Eduardo França. **Territórios mestiços e uber escravista colonial Ibérico-Americana**. In: PAIVA, E. F. (ORG.) AMANTINO, M. (ORG.) IVO, I. P. (ORG.). *Escravidão, mestiçagens, ambientes, paisagens e espaços*. São Paulo: Annablume, 2011



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁSPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

_____, **Trânsito e Mobilidade entre Mundos:** escravidão globalizada, comércio e práticas culturais. In: FURTADO, J. F. (ORG.). Sons, formas, cores e movimentos na modernidade atlântica: Europa, América e África. São Paulo: Annablume, Belo Horizonte: Fapemig; PPGH – UFMG, 2008.

RODRIGUES, Randy da Silva. **A Escultura Monumental em Belém do Pará:** Três Obras e um Percurso Romântico. 2012. 1 v. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Ciências da Arte e do Patrimônio, Faculdade de Belas-artes, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013.

SALLES, Vicente. **O Negro no Pará: sob o regime da escravidão.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971, p. 16.

SCARANO, Julita. **Devoção e Escravidão:** a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no Século XVIII. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975, p. 79-82.

SIMÃO, Maristela dos Santos. **As irmandades de Nossa Senhora do Rosário e os africanos no Brasil no século XVIII.** Mestrado em história da África. Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras, 2010.

SOARES, Elizabeth NELO. **Largos, coretos e praças de Belém – PA:** The Largos, Bandstands and Town Squares of Belém. 1. ed. Brasília: Monumenta / Iphan, 2009. 172 p. v. 1

SOUZA, Hugo Martins de. **Irmandade dos Negros do Rosário de Caicó: Religiosidade & Resistência Sociocultural CAICÓ/RN 2016.** 2016. 54 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em História e Cultura Africana e Afro-brasileira, Departamento de História do Ceres, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó/rn, 2016.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

VALENTE, Ana Lúcia Eduardo Farah. **As irmandades de negros: resistência e repressão.** 2011. Disponível em:

<<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3740887.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2018.